

DN QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini
Largo da Carioca 4 (Sobrado)



A musica do presente. Na falta de assumpto e de espirito, Sancho imita o espirito musical carnavalesco das nossas folgozonas e endiabradas sociedades.

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1900

Escritorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E AOS QUE O
QUEREM SER

Pedimos aos nossos assignantes dos Estados a bondade de mandarem reformar suas assignaturas, ou por intermedio de seus correspondentes n'esta Capital, ou por meio de carta registrada com vale postal do valor da assignatura.

Podem igualmente enviar a importancia da mesma em dinheiro dentro de uma carta, devendo ser esta registrada e com a declaração da importancia no envelope.

Aos assignantes d'esta Capital fazemos identico pedido.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como premio alguns numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escritorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

NOTICIARIO

Logo no começo d'esta semana chamou-nos a attenção a polemica um tanto crespia (infelizmente) entre dois importantes jornaes d'esta capital, ou antes entre seus directores, pois que a questão foi puramente pessoal.

Sendo assim, não podemos emittir nenhuma opinião; apenas diremos que a impressão que sentimos não foi das mais agradáveis...

E a razão é bem simples.

Si os que têm por dever dirigir a opinião publica em tudo que interessa nossa vida social ou politica, são os primeiros em desmoralisar-se, que conceito pôde o publico fazer d'elles?

Que credito merecerão seus escriptos e suas criticas?

Nem o Carlos Rodrigues, do *Jornal*, nem o Ruy Barbosa, d'*A Imprensa*, procedem

ram com o criterio que era de esperar de directores de jornaes.

Basta de odios pessoases!

A roupa suja não se lava em publico.

Eva Canel acha-se actualmente em Santos, onde continúa suas conferencias enthusiasmando seus auditores, que talvez nunca suppuzessem encontrar tanto talento, tanta philosophia, tanto conhecimento da humanidade, acompanhados de tão bellos conceitos, em uma mulher que vale por não sei quantos homens escriptores dos mais talentosos.

Graças ao nosso collega Carqueja Fuentes, que entregou-nos uma photographia da distincta litterata, podemos dar hoje o seu retrato, honrando nosso jornal e deixando assim bem marcada a passagem entre nós d'esse astro litterario que se chama Eva Canel.

« O Sr. ministro do interior devolveu hontem á secretaria do conselho de intendencia as contas que lhe haviam sido enviadas, do custo de 900 livros para o serviço eleitoral do Districto Federal, no dia 31 de Dezembro.

O Sr. ministro pediu informações sobre o facto de, havendo apenas 234 secções, terem sido encomendados 900 livros.

Como já dissemos, os livros que sobejaram acham-se recolhidos á Intendencia, tendo já alguns d'elles algumas folhas rubricadas.»

Lemos o que ali vae acima na *Gazeta de Noticias*.

O collega não commenta o facto.

Poderíamos estranhar isso.

Pois não estranhamos. A *Gazeta* tem toda a razão; já não se pôde mais commentar o descoco da nossa Intendencia em tudo e por tudo que faz.

Si eu fosse o ministro mandaria pagar o sermão por quem o encomendou.

E si não pagasse, rrua!...

A'cerca de sellos, em Portugal passam-se cousas ainda mais engraçadas do que aqui.

Engraçadas é um modo de dizer, pois que pela leitura do *Seculo*, de Lisboa, vê-se que os emprezarios de theatros não lhes acham graça alguma, e como prova vejam:

« Realizou-se no salão do theatro da Trindade a reunião dos emprezarios de casas de espectaculos, achando-se presentes os Srs. Guilherme da Silveira, do theatro

D. Amelia; Affonso Taveira e Domingos Gouvêa, do da Trindade; José Antonio do Valle, do theatro da Rua dos Condes; José Joaquim Pinto, do theatro do Gymnasio; Antonio Manuel dos Santos Junior, do Colyseu dos Recreios; Salvador Marques, do theatro da Avenida.

Tratava-se da questão do sello nos bilhetes de espectaculos publicos, segundo a lei que vae ser posta em vigor e que obriga os emprezarios theatraes a sellarem todos os bilhetes á venda.

Os emprezarios trocaram as suas impressões, sendo todos unanimes em concordar que é impraticavel tal disposição.

Por este motivo resolveram reunir-se hoje pela uma hora da tarde, afim de se dirigirem á casa do Sr. presidente do conselho e exporem a S. Ex. a situação precaria a que ficarão reduzidas as empresas, si a lei não fôr modificada, pelo menos na formula da sua execução.

No fim da reunião, o Sr. Santos Junior, vendo presentes alguns representantes da imprensa, dirigiu-lhes, sob a fórma de um delicado cumprimento, um appello para que os jornaes tomassem a peito a causa dos emprezarios, affirmando que ella é justissima e que, a não serem attendidas as suas petições, terão de certo que fechar alguns theatros, não em signal de protesto, mas porque não poderão manter-se abertos, do que resultará uma grande crise para centenas de familias que vivem exclusivamente do theatro.»

E' provavel que o nosso ministro da fazenda não imitará o de Portugal.

A razão é que, não havendo sinão poucos theatros funcionando no Rio de Janeiro, pouco ou nada renderiam os taes sellos theatraes.

Isto de sello já é mania!

Os taes sellos é que têm dado que fazer e que fallar. Si não trazem os miolos do ministro da fazenda a arder, é porque S. Ex. os tem bem diversos do commum dos mortaes.

Nunca vimos tanta fraqueza em relação a essa industria nacional e official.

Si o que se tem dado na Casa da Moeda tivesse acontecido em alguma industria particular, de ha muito teria havido uma limpeza geral, indo tudo para o olho da rua.

Tendo tido o Dr. Murtinho excellentes occasiões de mandar plantar batatas quem tem mais propensão para a agricultura

que para estampar sellos ou cunhar nicks, parece incrível que nunca tenha aproveitado essas ocasiões, evitando d'este modo os graves prejuizos occasionados de ha muito tempo pelo deleixo, incuria, incapacidade e outras qualidades que em geral ornaram os nossos directores e mais funcionarios publicos.

O da Casa da Moeda terá tarracha?



Os industriaes e os commerciantes já começam a comprehendere que o Dr. Murtinho, nosso ministro da fazenda, não é tão feio nem tão cruel como o pintavam ha mezes, distinguindo-se n'esse genero de pintura o illustre presidente da Associação Commercial Honorio Ribeiro.

Comprehendendo que não é com vinagre que se apanham moscas, os interessados procuraram d'esta vez empregar o azeite, liquido muito mais apropriado para o bom andamento de todo mecanismo industrial, governativo e commercial.

Por isso vemos com a maior satisfação as diversas conferencias havidas com o ministro da fazenda, sobre a melhor e mais pratica applicação dos impostos do consumo em relação aos sellos.



Tem se fallado muito estes dias sobre a venda da Estrada de Ferro Central.

Ella ainda está no seu lugar, como verifiquei ainda hontem.

Ninguém a carregou por ora e o tal syndicato inglez, francez, belga ou japonez não se apresentou por enquanto.

Tudo isso não passa de conversa fiada.

Admittindo, porém, que tal se desse, e que realmente um syndicato inglez, francez, belga, etc., quizesse mimosear-nos com alguns milhões de libras esterlinas...

Fallo no plural porque, como todos dizem *nossa* estrada de ferro, é de suppor que algumas libras cahirão no bolso de todos os respeitaveis patriotas, no numero dos quaes tenho a honra de me incluir.

Si porém esses milhões de libras são só para inglez ver, n'esse caso nós é que somos os inglezes, e a questão é outra.

Protesto com toda a força de meus pulmões contra a venda, e opporei toda a força de meus musculos em impedir que o estrangeiro a carregue d'aqui para fóra.

Si, porém, este contentar-se com deixal-a ficar em seu lugar, em augmental-a, conservar o seu pessoal, o bom—já se vê—o ruim póde pol-o no olho da rua, e neste caso eu só não me opponho, como approvo plenamente.

E si pudesse do mesmo modo arrendar a Alfandega, o Correio, a Casa da Moeda, a Intendencia e tudo quanto necessita de boa administração, não hesitaria um instante, comtanto que o paiz prosperasse, sahindo de uma vez da chronica e escandalosa apathia em que vivemos ha tantos annos, e o cambio voltasse ao par.

ESBOÇO HISTÓRICO DA CARNE VERDE

(Continuação)

Depois de varias reuniões de capitalistas, representantes de alguns bancos e pessoas habilitadas e praticas em negocio de gado, para tratarem da compra do contrato de abastecimento da carne verde a esta capital, constituiu-se uma nova firma.

N'esta não entrou, nem sequer como commanditario, o ex-Chefe reduzido a simples anspeçada, como já dissemos, apesar de sua insistencia em fazer parte da nova sociedade.

Ninguém queria saber d'elle; todos reconheciam que tal individuo era um perigo!

A' sua incapacidade mais que provada em todos os negocios em que se mettia, juntava pouca seriedade e a mais requintada ma fé, faltando, como um villão, á sua palavra e aos mais serios compromissos.

A' vista de tão honrosos conceitos á sua pessoa, o ex-Chefe não teve remedio sinão conformar-se e receber a importancia da sua decima parte, que lhe foi paga generosissimamente á razão de 40 %, com o intuito de o consolar da perda total d'aquillo que outr'ora fôra quasi seu e que intitulámos sua *cara-metada* no começo d'este resumo historico.

Apesar de se metter n'aquella bolada, mil e tantos contos!... nem por isso o ex-Chefe tratou de solver seus compromissos, preferindo fazer a mais triste das figuras e passar por um prégador de contos do vi-gario.

Pillhando-se assim armado com essa quantia, sua idéa immediata foi procurar todos os meios de hostilisar a nova sociedade que tão generosamente procedera com elle.

Sabendo que entre os socios da nova firma havia um typo chamado Hora..., cujo character pouco escrupuloso servia perfeitamente para os seus tenebrosos planos, propôz dar-lhe metade do capital com que este entrara para a nova empresa e dividir os lucros a meio.

O principal fim do ex-Chefe não era

simplesmente associar-se com o tal Sr. Hora..., socio solidario da nova firma S. C. L. & C., era fazer d'elle o seu instrumento, o seu espião para saber do que se passava na empresa e, egualmente, um alliado para derribar esta; não hesitando empregar os meios mais torpes e indignos para alcançar seus fins.

O traidor Hora... não tardou a manobrar de modo a satisfazer o ex-Chefe e a prejudicar a propria empresa de que fazia parte.

Encarregado por esta da administração do matadouro de Santa Cruz, começou logo por despedir antigos empregados, substituindo-os por outros de sua particular confiança, com o fim de ter gente sua para as occasiões opportunas.

Não satisfeito com isso, comprou milhares de bois, invadindo as attribuições de um outro socio especialmente encarregado d'essas compras, para o desgostar e obrigar-o a retirar-se.

Depois de todos esses actos arbitrarios praticados contra a expressa vontade de seus socios e egualmente contra uma clausula do contrato social que declara sómente validos os actos feitos de accordo com o gerente da empresa, o tal Sr. Hora..., dono do terreno em Santa Cruz, julgou-se um verdadeiro general e, escolhendo boa posição para suas baterias, preparou-se a fazer fogo contra a propria empresa de que fazia parte, dirigindo os tiros principalmente contra o cofre d'esta com o fim de matal-a.

Para conseguir isto o general Hora... comprou sem autorisação e sem necessidade mais de 7.000 bois, sendo a maior parte a commissarios, parentes e amigos e impingiu-os á empresa pelo preço que quiz, causando graves prejuizos a esta, que não teve remedio sinão sujeitar-se á imposição do infame traidor, para não faltar gado para o abastecimento da capital e sustentar o seu contrato com a Prefeitura.

Encontrando-nos n'essa occasião com o Dr. Cesario Alvim, então prefeito, S. Ex. disse-nos: Pretenderam fazer uma *grève* para crear embaraços á empresa, mas com migo enganam-se. Ainda que esta não tenha, devido a essas manobras, o seu *stock* completo, nem por isso deixarei de sustental-a, por ver n'ella homens sérios em luta com verdadeiros tratantes e pantomimeiros que pretendem prejudical-os.

Essas palavras do Dr. Cesario Alvim mostraram-nos que o ex-prefeito estava perfeitamente informado de todas as tramoias praticadas em Santa Cruz pelo tal Sr. Hora...

Desejamos que o actual prefeito, que passa por ser homem sério, recto e energico



A pesar do tremendo calor e da chuva com
que temos sido obsequiados, não morremos de
insolação nem afogados.



E continuamos no gozo da mais perfeita saúde

e da nossa plena liberalidade,
pois indo ver o Xadrez, ainda
não nos vimos lá dentro, como
tanto deseja o celeberrimo advo-
gado Ulysses Barandão,



que atirou, um dia desses, como bom amigo urso que é,
uma pedra pesando 7 kilos na cabeça do Ruy Barbosa,

no que achamos
imensa graça!



Nossas ruas !

co, procure saber da verdade, convencidos de que não lhe será difficil de conhecer, assim como seu antecessor, quaes os homens serios e quaes os tratantes.

Nossa missão é desmascarar estes, quer em negocio de carne, de peixe ou qualquer outro. E para isso não cochilamos.

Voltando aos trampolíneos...

E' nos fundos de uma casa da rua do Rosario, n'uma salinha meio escura, como convém a todos os conspiradores trapaceiros, que se reúne o estado-maior dos ditos.

Ahi o ex-Chefe é o Chefe supremo. Ao seu lado sempre os dois amigos e conselheiros.

N'esse antro é que se forgicam os planos de ataque contra a empreza.

O Hila..., ajudante de ordens do general Hora..., homem pequenino, nervoso, implacante e manhoso, mas muito mais habil e intelligente e que o tal general, é o encarregado de transmittir a este as ordens e os planos forgicados pelo Chefe e seu estado-maior.

D'este tambem faz parte o tenente-coronel Karl, vulgo *Carrapato*, por andar sempre agarrado aos couros de bois.

Homem barbado e serio deixou-se, entretanto, completamente illudir pelo Chefe, suppondo com toda a ingenuidade ser seu grande amigo e o primeiro homem do Brasil!

N'este ponto, justiça seja feita ao tal Chefe, ninguém á primeira vista sabe tão bem como elle embrulhar um cidadão, fazendo-lhe suppôr que realmente é um HOMEM! Aquelle ar sentencioso, aquella labia original fôra do commum, prende a gente e faz crêr ter elle grande valor.

E é por isso e por causa dos couros que o Karl, apesar de muito barbado e não menos conceituado no commercio, cahiu como um pato.

Achava-se reunido todo o estado-maior, quando um homem magro, alto, meio desingonçado em seu todo, de cabeça pequenina, cara insignificante e antipathica, entrou apressadamente na salinha e sentou-se n'uma cadeira. Uff! disse elle. Um copo d'agua já, si não desmaio... Imaginem que hontem em Santa Cruz...por duas vezes... perdi...os sentidos!

— Mas, o que foi, o que houve?

— Vi dois meirinhos... que... iam á minha procura com... um mandato!...

— Meirinhos, mandato, isto é com-

migo, disse um dos chefes conselheiros do estado-maior, que pegou logo n'uma penna e algumas folhas de papel.

— Falle, general Hora..., disse o Chefe; era o famoso general de Santa Cruz que acabava de entrar.

— Tenha paciencia, disse o chefe conselheiro, isto é negocio que me compete e, lavantando a sua cara de lua cheia, ornada de dois queixos e quatro bellos bigodes, dois por baixo do nariz e dois por cima dos olhos, sendo estes grandes e expressivos, o conselheiro do estado-maior tomou um ar grave e todo judiciario e... começou o interrogatorio.

(Continúa).

FURTADO COELHO

Falleceu Furtado Coelho!

Falleceu, não direi o grande actor, mas sim o mais distincto, o mais elegante, o de mais bom tom que pisonou no nosso palco que melhor vestia uma casaca, que melhor sabia dizer uma phrase, que mais commovia e enthusiasmava o publico, pela sua correcção em tudo e pela grande sympathia que conseguia conquistar logo á primeira vista.

Furtado Coelho morreu, mas antes d'elle já tinha morrido a arte dramatica nacional. Foi o ultimo ou um dos poucos que ainda restavam d'essa época brilhante.

A primeira vez que o vi foi em Santos.

Representava-se *A Dalila*. A principal dama era a Gabriella... já não me lembro o nome.

O successo que elle causou foi colossal, tão colossal que o theatro quasi pegou fogo, não de enthusiasmo, mas devéras.

Nunca hei de me esquecer d'essa noite, em que queimei as mãos levemente e a sobrecasaca gravemente; digo gravemente porque o caso não deixava de ser grave.

Queimadas as abas, ficou transformada em jaqueta, e, como eu não pertencia á classe commercial, não me era possivel aproveitá-la.

Não houve remedio sinão mandar fazer outra e...

Mas, vamos ao facto.

O incendio fôra devido a este seu criado e ao Emilio Zaluar, poeta e litterato muito conhecido n'aquella época, mas completamente esquecido n'esta.

Estava n'um camarote com o poeta, varios amigos e algumas senhoras. Esse camarote parecia uma gondola ou antes um bonde, pois que hoje não ha mais gondolas nem omnibus para comparações.

Eramos pelo menos 12 pessoas apinhadas, enthusiasmas e suadas.

O enthusiasmo do publico chegava ao delirio; varios ramalhetes foram atirados á scena, e mais outros e ainda mais.

As senhoras que se achavam em nosso camarote, desejando igualmente tomar parte na manifestação... Ah! si tivéssemos flores... disseram. Compreendi e o Zaluar tambem.

Sahimos durante o entre-acto á procura de flores. Nem uma só! Hypothese completa! As que tínhamos visto eram dos jardins dos proprios espectadores.

Lembrei-me de um amigo que tinha um jardim e corremos.

A muito custo conseguimos que uma preta velha abrisse o portão. O amigo estava no theatro e foi com a maior difficuldade que obtivemos que a rapariga consentisse em apanharmos flores.

São para teu senhor, dissemos-lhe, e assim podemos arranjar uma meia duzia de bouquets.

Voltámos correndo para o theatro carregados cada um com tres ramalhetes soffrivelmente grandes, o que nos impedia um tanto de ver os nossos pés.

O acto já havia começado; subimos rapidamente as escadas e, enfiando-nos pelo estreito corredor que ia ter ao nosso camarote, topei não sei em que, ouvi um grito pavoroso, vi uma cara preta com a bocca escancarada a olhar para mim e a berrar: Santa Barbara, S. Jeronymo!

Virei-me então e vi atraz de mim uma chaleira de pernas — não — de bico para o ar, torradas com manteiga espalhadas pelo chão, este inundado de agua e tambem — horror! — de espirito de vinho incendiado cujas labaredas azues lambiam as paredes dos camarotes, que eram de taboas.

Zaluar tinha ido para a frente; nada topara nem nada vira, mas eu, compreendendo o perigo, atirei com os bouquets para longe e tratei de apagar como pude esse principio de incendio.

Aos gritos da rapariga juntaram-se os de alguns espectadores que, ao abrirem as portas de seus camarotes, deram com o bello espectáculo!

Fogo! Fogo!

Não é nada, dizia eu, e na verdade já estava quasi todo apagado.

A unica cousa que ardia era a minha sobrecasaca. Eu bem sentia um calorzinho n'aquelle logar, mas, entretido em apagar o fogo, não percebia que eu é quem estava ardendo!

Um cidadão mais corajoso e meio bombeiro deu-me alguns valentes açoutes no lugar em que as crianças travesas costumam apanhar-os, o que não me causou a menor indignação, não obstante já ter buço, por ver que esse acto de energia era em benefício da minha pelle.

O publico apenas passou pelo susto e a boa ordem se restabeleceu no theatro.

Como o espectáculo ficou suspenso na occasião, eu fui, depois que me vi de todo apagado, ao camarim do grande artista.

O Furtado Coelho estava furioso!

Contou-me que o panico se dera justamente quando dizia: «Tudo chorava! Chorava a lyra! Choravam as cordas!...

— E ardiam as abas da minha sobrecasaca! respondi-lhe no mesmo tom, mostrando-lhe o triste estado em que se achavam!

N'aquelle tempo, ha mais de 30 annos, as familias que iam ao theatro levavam não só suas cadeiras para os camarotes, como tambem tudo o que era necessario para fazer o chá, inclusive o moleque ou a mucama.

Das 10 horas em diante, em frente aos camarotes, chaleiras enfileiradas sobre fogareiros, louça, biscoitos e torradas tomavam todo o lugar nos corredores.

Afinal acabou-se este systema, assim como tudo acaba n'este mundo.

Tambem acabou Furtado Coelho.

Mas, a lembrança de quem o conheceu, esta, nunca acabará!

A. A.

37 OU 44 CONTOS ?

O celebre Dr. Ulysses Brandão, o tal advogado da S. Christovão, que mais celebre se tornou ainda depois da polemica occasionada pelas «Varias» e «Gazetilha» do *Jornal*, anda, segundo nos informam, damnado de sua vida por ver a nossa perfeitamente tranquillizada, apesar de todos os esforços que elle tem feito e ainda faz para tornal-a amargurada... Barbaro!

Haverá uns quinze dias mais ou menos, esse senhor mandou-nos um meirinho armado de uma citação que poz sob nossos olhos.

Já sabemos do que se trata, dissemos-lhe, sem olhar o tal papel.

Diga ao juiz que temos muito que fazer e não podemos perder tempo em ir a audiencias e aturar o Sr. Brandão.

E a este diga-lhe, da nossa parte, que não seja... amolador.

Isto elle é, disse o official de justiça, e retirou-se rindo.

Ora, o tal Sr. Brandão! Parece que não tem mais que fazer!

Antes nos enviasse um official sapateiro para nos tomar medida de um par de botas, o que é muito mais util.

Ao menos teriamos a occasião de mettel-as em alguém, e com certeza não nos esqueceriamos do amigo Brandão, como prova do nosso reconhecimento.

Mas, onde esse illustre satellite do Dr. Ruy Barbosa tem-se tornado celebre ultimamente, é nos negocios escandaloso-burlescos da C. S. Christovão.

Logo na primeira assembléa de accionistas, em Dezembro de 1899, elle provou, pela ardor com que tomou a defesa do ex-director-gerente demittido, que ao menos é grato a quem lhe pagou serviços judiciarios que... nunca prestou.

No que achamos estupendo o Ulysses é n'esta sua declaração feita nos «a pedidos» do *Jornal da Commercio* do dia 14:

«Entrei como advogado da Companhia pela porta larga e franca da contrato de 22 de Fevereiro de 1899, para trabalhar ao lado do mestre na qualidade de seu auxiliar de escriptorio», varrendo este, naturalmente, espanando os moveis, endireitando os papeis, etc.

Quando lemos *porta larga e franca*, julgamos que se referia á da cocheira da Companhia, mas nunca á de um contrato!

Jámais nos passou pela imaginação que um contrato podesse ter porta larga e franca!

Verdade é que este contrato com o Ulysses é *sui-generis*.

Folgamos, todavia, de ver que elle mesmo reconhece com a maior ingenuidade ter entrado na tal porta grande *largueza* e não menor *franqueza* em receber de papo para o ar e sem ter que fazer como advogado nada menos de 37 contécos!

Comprehendemos agora a razão do Dr. Ulysses achar *larga e franca* a tal porta.

Porém, essa quantia de 37 contos que confessa ter recebido, não concorda com a de 44 contos que a escripta da Companhia declara ter gasto com advogados...

Ha, portanto, uma differença de sete contos. Quem os comeu?

Que amigo urso! terá dito o Ruy...

O Sr. Dr. Ulysses Brandão sabe perfeitamente que não fomos nós.

Quem foi ou quem não foi, pouco importa.

O caso é que o felizardo Ulysses meteu no papo nada menos de 37 contos em menos de um anno, para, como diz o contrato, patrocinar e defender em qualquer

instancia e juizo (*d'isso é que elle precisa*) os direitos e interesses da Companhia.

Quasi temos vontade de propôr ao Ulysses trocar de officio connosco.

Elle virá fazer o *D. Quixote* e nós iremos para o escriptorio do conselheiro Ruy Barbosa fazer de advogado.

Ao lado do grande mestre estamos convencido de que fariamos boa figura, tão boa ao menos como a que fez o Dr. Ulysses.

No que não cahiriamos é em chamal-o a juizo, si escrevesse ou desenhasse qualquer cousa allusiva á nossa pessoa.

N'este ponto temos um pouco mais de espirito do que o Dr. Ulysses Brandão dos 37 contos, advogado do Sr. H. Baptista, ou da Companhia S. Christotão.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

A DECADE REPUBLICANA, III volume. — *A Justiça*, pelo conselheiro Candido de Oliveira, *Eleições* pelo barão de Paranapiacaba.

Aproveitamos a occasião para reclamar o II volume que não nos mandaram.

Uma obra d'esta importancia não pôde ficar incompleta. A nossa estante reclama em altos brados o volume que lhe falta.

GAZ ACETYLENO da Empresa Brasileira, pelo engenheiro Julio Koeler — Folheto acompanhado de varias estampas e que deve ter o maior interesse para quem emprega essa excellente luz.

O REMO, n. 9 — Este numero traz o retrato em phototypia do campeão Arnaldo Voigt, vestido a caracter e trazendo no peito uma taboleta de medalhas para dar e vender, mas que não as venderá nem dará a ninguém pois representam premios valentemente conquistados.

Parabens ao Arnaldo Voigt.

A BOHEMIA, n. 14 — S. Paulo, Director José Piza. *Jornal litterario illustrado*. Bons artigos, bom papel e nitida impressão.

MUSICAS

SCHERZANDO — J. Queiroz, dedicada a Mlle. Caroline Buschmann.

Editores Bevilacqua & C.

SCHERZANDO. — J. Queiroz, igualmente dedicada á mesma senhora.

Muito gosta de *scherzar* o illustre autor.

Editores, os mesmos.

VIUVA CLARCK. — Comedia-revista de costumes de Arthur Azevedo; *Tango do jonjoca* — Costa Junior.

Editores, os ditos ditos.

FELICITAÇÕES — Polka por Nicolino Milano. Brinde para 1900, offerecido aos seus freguezes pelos editores C. Carlos F. Welrs.

A SUL AMERICA — Companhia Nacional de Seguros de Vida — Convite dos Srs. Hasselman e A. Darlot para assistir á oitava emissão de apolices, etc.

Si nos offerecessem algumas, é possivel que... etc.

CLUB EUTERPE — Concerto da Exma. maestrina D. Francisca Gonzaga, realizado no dia 10 do corrente.



EVA CANEL

A.A.



FURTADO COELHO